



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao canal France 24**

**Bruxelas-Bélgica, 05 de julho de 2007**

**Jornalista:** Bem-vindo ao canal France 24 para esta nova edição do “Le Talk de Paris” com o presidente de um dos maiores países do mundo, o maior da América Latina, o Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, ou simplesmente presidente Lula. Bom dia, Presidente!

**Presidente:** Bom dia!

**Jornalista:** O senhor está em Bruxelas para assinar um acordo estratégico entre a Europa e o Brasil e é a primeira vez que um país da América Latina assina esse tipo de acordo. O senhor está aqui também para promover o biodiesel: o senhor está convencido de que é necessário tentar melhorar o destino do Planeta e uma das alternativas ao petróleo é o biodiesel e o senhor vai nos explicar por quê. Mas a gente pode dizer, de uma certa maneira, que o senhor, hoje, já não é apenas o “Presidente dos Pobres”, mas também o “Presidente do Desenvolvimento”?

**Presidente:** Primeiro, eu assinei uma parceria estratégica ontem, em Lisboa, na presença do primeiro-ministro Sócrates, do presidente da Comissão Européia, Durão Barroso, e à noite nós tivemos um jantar onde estavam presentes Nicolas Sarkozy, o primeiro-ministro Zapatero, o primeiro-ministro Prodi, o primeiro-ministro da Holanda e o da Eslovênia. Para o Brasil e a América Latina isso é muito significativo. Na realidade, a Europa tem parcerias estratégicas com a Rússia, Índia, China, África do Sul, mas o Brasil é o primeiro país da região. Nós queremos fazer essa parceria estratégica e



estendê-la a todo o Mercosul e, por que não, a toda a América do Sul. A questão dos biocombustíveis, dos biocarbonetos, para mim, é algo que já está consolidado. É inexorável para o mundo neste Século XXI. O comportamento imprevidente de países e governantes ao longo do Século XX, está provado, provocou um aquecimento global que pode trazer sérios problemas para a humanidade, sobretudo em função da emissão de gases de efeito estufa. Nós sabemos que essa é a causa dos problemas e temos o dever e a responsabilidade de construir um mundo mais justo, um mundo menos poluído. Além de diminuir o efeito estufa, o biocombustível vai criar oportunidades de emprego nos países mais pobres do Planeta. Isto reforça a importância da decisão da União Europeia de, até 2020, misturar 10% de biodiesel à gasolina e ao diesel. No meu entender, é um compromisso muito importante.

**Jornalista:** Nesse ponto, o senhor está na mesma direção dos europeus. Em todo caso, há críticas ao programa de biodiesel do qual o senhor é líder mundial. Alguns questionam os riscos de desmatamento, notadamente na Indonésia. Isso não seria também um perigo potencial para a Floresta Amazônica?

**Presidente:** Não, de jeito nenhum. Eu estou plenamente em harmonia com os europeus. Nós temos relações históricas com os países europeus, relações extraordinárias com a França, do ponto de vista político, econômico e cultural. Mas há uma preocupação exagerada de que o biodiesel possa criar problemas na Amazônia. Eu vou dizer uma coisa. Os portugueses chegaram ao Brasil em 1500. Há 470 anos eles introduziram a cultura da cana-de-açúcar no Brasil. E eles jamais o fizeram na Amazônia. Por quê? Porque o clima da Amazônia não permite que a cana-de-açúcar seja cultivada ali. Portanto, sob esse aspecto, a Amazônia está preservada. O segundo ponto que eu acho extremamente importante é levar em conta que o Brasil é um país que tem 440 milhões de



hectares de terras cultiváveis e a cana-de-açúcar não ocupa mais que 1% dessas terras. Então, nós temos um espaço extraordinário. E ele existe também no continente africano e no resto da América Latina. Em segundo lugar, não é possível imaginar que exista aí justamente uma disputa entre a produção de alimentos e a produção de biodiesel. Isso não é possível.

**Jornalista:** Mas, então, por que as críticas vêm também de um presidente da América Latina, o presidente boliviano Evo Morales, que o acusa de privilegiar os ricos, de ter feito um complô contra os pobres, quer dizer, de ter se engajado pelo biodiesel antes de ter dado comida aos pobres e aos índios em particular. O que o senhor lhe respondeu?

**Presidente:** Veja, eu penso que o Evo poderia ter razão se essa possibilidade existisse, pois é preciso levar em conta que a energia principal de que precisamos vem dos alimentos que comemos. Se nós não produzíssemos alimentos para ter essa energia, nós não teríamos força suficiente para produzir outras energias. O que é necessário é estabelecer quais são as zonas agrícolas para determinar quais são os domínios de preservação e de produção de alimentos e quais são, exatamente, as zonas de produção de biodiesel. Basta olhar a Bolívia, a América Latina, o Brasil e a África para se dar conta de que há uma imensidão de territórios onde nada é cultivado. Nem biodiesel, nem alimentos. Por quê? Porque o problema da alimentação no mundo não é a escassez de alimentos, mas a falta de poder de compra, que permita às pessoas comprar os alimentos.

**Jornalista:** Sim, justamente, e isso vai fazer aumentar o preço dos produtos agrícolas e do milho em particular. Em consequência, isso não vai prejudicar os pobres também?



**Presidente:** Veja, quem disse que o aumento do preço da gasolina não aumenta o preço dos alimentos? Não faz muito tempo nós pagávamos 28 dólares pelo barril de petróleo e hoje ele está a 70 dólares. E isso pode trazer conseqüências para o preço dos alimentos. É preciso ter a plena convicção, como nós temos, de que não se deve produzir o etanol do milho. O etanol produzido no Brasil é 76% mais barato que o etanol produzido nos Estados Unidos e 46% mais barato que o etanol produzido na Europa. Por quê? Porque nós o produzimos a partir da cana-de-açúcar, e o biodiesel nós vamos produzir a partir de plantas que podem ser plantadas e cultivadas em um grande número de países da África e da América Latina. Dito isso, eu sei que para um europeu, quando falamos em biodiesel, não falamos do continente europeu, porque aqui na Europa as coisas já se arranjaram há muito tempo e a agricultura está bastante sólida. Mas é preciso olhar para os países que precisam de uma oportunidade de crescimento.

**Jornalista:** Em todo caso, isso reduziu sua dependência do petróleo, já que o Brasil utiliza bastante o biodiesel, e isso lhe permite, de certa maneira, ser mais independente de um certo Hugo Chávez, grande produtor de petróleo. Então, o senhor tem o álcool e ele tem o petróleo. Isso gera uma rivalidade entre vocês dois, o senhor não acha?

**Presidente:** Eu creio que o mundo não vai se abster do petróleo. Além disso, o que é preciso é misturar o biodiesel aos carburantes fósseis para diminuir a emissão de gases com efeito estufa. Eu vou lhe dar um exemplo: na Europa, quando se criou o motor euro 4 para substituir o euro 3, houve um aumento de mais de 10% no preço final dos caminhões e a redução dos gases de efeito estufa foi de apenas 3%. O que nós queremos provar é que todo mundo pode fazer uma mistura de 10% de biodiesel ao carburante fóssil para diminuir muito mais a emissão de gases de efeito estufa em todo o Planeta, e isso pode ser



melhor para todo o mundo.

**Jornalista:** Então, senhor Presidente, como já é tradição nesta emissora, nós vamos mostrar o seu perfil para que os telespectadores o conheçam um pouco melhor.

**Jornalista:** Alguma reação a esse perfil? Sobre a sua trajetória?

**Presidente:** Eu penso que é muito importante ver isso, pois quando eu observo a história das eleições, eu me lembro o quanto foi difícil chegar à Presidência da República. Afinal de contas, eu perdi três eleições. Eu poderia mesmo ter desistido, como outros desistiram depois de uma primeira disputa, mas eu decidi mostrar ao povo brasileiro que era preciso ser perseverante, tentar cada vez mais. Então, a cada eleição que eu perdia, eu tinha ainda mais vontade de lutar, até que em 2002 eu ganhei as eleições e fui reeleito em 2006. Eu penso que isso é uma bênção de Deus e agradeço imensamente ao povo brasileiro por ser tão generoso.

**Jornalista:** Na vitória da primeira eleição o senhor fez um grande discurso onde disse que “a esperança venceu o medo e nós vamos mudar o Brasil”. No entanto, há coisas que não foram realizadas ao longo do primeiro mandato. Qual é o seu objetivo para esse segundo mandato?

**Presidente:** Primeiro, eu não posso fazer em 4 ou 8 anos aquilo que não foi feito em 500 anos. Mas o dado concreto é que nós conseguimos salvar a economia brasileira. Hoje, nós não temos mais dívidas com o FMI ou com o Clube de Paris. Nós temos 150 bilhões de reservas internacionais, temos um excedente comercial de 47 bilhões de dólares, e nesses primeiros 5 meses do ano, nós criamos 1 milhão de empregos formais. Ao mesmo tempo, nós



conseguimos criar o maior programa de transferência de renda do mundo, que é o Bolsa Família, que ajuda as famílias mais pobres e, ao mesmo tempo, exige, em contrapartida, que essas famílias enviem suas crianças à escola. Nós temos um programa universitário onde o governo dá um suporte financeiro aos jovens da periferia para que possam frequentar a universidade, e que já atendeu 370 mil jovens em três anos. Eu tenho o compromisso, nos próximos três anos e meio que me restam, de criar uma escola técnica profissional federal em cada cidade pobre, ou seja, criar universidades federais em todas as cidades importantes do país. Esse compromisso está na minha cabeça e no meu coração, pois é através dos investimentos na educação que nós podemos transformar o Brasil em um país realmente desenvolvido.

**Jornalista:** Nossa emissora é interativa. Eis uma primeira questão, via web, colocada por um internauta.

**Participação de Gisel Ducatenzeiler, de Paris:** Sua eleição e de outros presidentes da América Latina foram símbolo de um retorno da esquerda em todo o continente. O senhor acha que essa é uma evolução profunda e, em caso positivo, como o senhor a explica? Esse fenômeno vai durar ou pode haver um retrocesso?

**Presidente:** É verdadeiramente um fenômeno. Após duas décadas de predominância do neoliberalismo na América do Sul, a partir de 2000 começamos a ter mudanças no perfil político da região. Hoje, eu posso dizer que nós temos um continente com muitos presidentes progressistas, pessoas engajadas com o povo. Eu poderia começar citando o Chile, de Michele Bachelet, eu poderia citar também a Argentina, o Uruguai, o Paraguai, a Venezuela, e poderia passar pelo Equador, além de reconhecer a seriedade do presidente Uribe, da Colômbia, e a mudança que ocorreu no Peru. Portanto, eu



penso que a América do Sul, hoje, tem um perfil mais progressista, mais à esquerda, e isso é bom porque faz um contraponto às décadas de intervenções militares sobre o continente e às décadas de políticas conservadoras. Graças a Deus, a América do Sul está crescendo economicamente e está melhorando a qualidade de vida do seu povo.

**Jornalista:** Eu volto a falar no presidente Chávez. Ele não foi delicado com os brasileiros. Quando os brasileiros protestaram contra o fechamento, no último mês de maio, da televisão privada venezuelana, RCTV, ele declarou que os brasileiros são “papagaios” de Washington. O senhor se sentiu agredido e o senhor é “papagaio” de George Bush?

**Presidente:** Veja, ninguém vai fazer com que eu brigue com o presidente Chávez, ele é meu amigo. Eu penso que é um governante que ajuda o povo pobre da Venezuela. Ele tem relações com o Brasil que são do seu interesse e o Brasil faz muitos investimentos na Venezuela. O Brasil construiu o metrô de Caracas, está construindo estradas e temos parcerias entre as empresas petrolíferas da Venezuela e do Brasil, e vamos continuar.

**Jornalista:** Mas ele às vezes não é um pouco provocador?

**Presidente:** Escute, nós vamos continuar essa relação de amizade. Eu não me deixo impressionar pelo tom dos discursos dos presidentes latino-americanos sobre o Brasil porque às vezes nós dizemos o que nós pensamos e, às vezes, nós dizemos o que não pensamos. O dado concreto é que nós evoluímos muito, nós temos divergências, em vários setores, mas quando alguém se torna chefe de Estado, o aspecto pessoal perde sua importância para a questão coletiva. Portanto, do ponto de vista coletivo, a relação com a Venezuela é importante. Chávez disse que se o Brasil não se decidisse dentro



de três meses ele sairia do Mercosul. Ora, a Venezuela não tem como sair do Mercosul porque não entrou ainda. Então, ele não pode sair do Mercosul. Ele pode decidir entrar ou não, mas para entrar é necessário também seguir as regras do Mercosul, as regras determinadas para o Paraguai, o Uruguai, a Argentina e o Brasil. E também, é preciso esperar que o Congresso brasileiro vote. É preciso lembrar aos telespectadores que o Parlamento que ele ofendeu é o mesmo que o defendeu quando houve um golpe de Estado na Venezuela. Essa é uma contradição da política. É preciso aprender a conviver, senão nós vamos discutir o tempo todo.

**Jornalista:** Nós chegamos ao final da primeira parte da entrevista. Eu proponho uma pausa e nós voltamos em seguida após a transmissão do nosso jornal.

**Jornalista:** Retornamos com o Presidente do Brasil, o presidente Lula. O senhor acha, presidente, que a Europa é muito protecionista? Afinal, não foi fechado nenhum acordo na Rodada de Doha e eu creio que o senhor acusou os europeus de terem tarifas muito elevadas para a agricultura. A França, por exemplo, é muito protecionista?

**Presidente:** Eu creio que cada país se torna conservador quando está defendendo seus interesses. O que está acontecendo na Rodada de Doha é isso: de um lado nós exigimos que os americanos reduzam seus subsídios internos para a agricultura, de 17 bilhões de dólares para 12 bilhões de dólares. O que nós estamos exigindo é que a União Européia abra seu mercado agrícola para os países em desenvolvimento, e os Estados Unidos e a União Européia estão exigindo do G20 que nós também façamos uma abertura para os produtos industriais. Onde está a divergência? A diferença está nos números. Ainda não foi possível chegar a um acordo e é verdade que a França



protege sua agricultura assim como a União Européia, mas também é verdade que o Brasil quer defender os interesses de sua indústria.

**Jornalista:** O que o senhor disse à Europa e aos Estados Unidos para sair do impasse, para que o acordo seja assinado este ano?

**Presidente:** Eu disse aos americanos a seguinte coisa: nós precisamos fazer um acordo que não beneficie os Estados Unidos ou a União Européia. Não é um acordo que favoreça os países em desenvolvimento, como a China, a Índia ou o Brasil. Mas um acordo que possa privilegiar os países mais pobres do mundo, pois não é possível que em pleno século XXI permaneça essa bandeira de consumo excepcional no mundo desenvolvido enquanto milhões e milhões de pessoas morrem de fome nos países em desenvolvimento. O que nós estamos pedindo é que haja, sobretudo, uma ação solidária, quase humanitária, na Rodada de Doha para que nós possamos permitir a sobrevivência dos mais pobres.

**Jornalista:** O Brasil é acusado de não baixar suas tarifas o suficiente para impedir a China ou a Índia de exportar para vocês. Não é necessário que o Brasil também faça um esforço nesse sentido?

**Presidente:** Na realidade, nós não temos nenhum problema com os países do G20 e temos bons negócios nas exportações com a Europa e os Estados Unidos. O que nós queremos é uma flexibilidade maior para a abertura dos mercados agrícolas. O que a Europa nos propõe é insuficiente e o que está sendo pedido para nós é muito alto. Para você ter uma idéia, os Estados Unidos, ao longo dos últimos três anos aplicaram 15 bilhões de dólares em subsídios agrícolas. Ao longo do último ano, eles aplicaram 11 bilhões de dólares. Nós estamos pedindo que os Estados Unidos cheguem aos 12 bilhões



e agora eles querem manter 17 bilhões, ou seja, eles querem aumentar acima da média dos últimos quatro anos. Isso não é possível porque os países pobres e em desenvolvimento também precisam de uma oportunidade, uma chance de se desenvolver. Mas eu vou lhe dizer uma coisa, eu sou otimista e acredito nas negociações.

**Jornalista:** Eu volto à questão do Mercosul. Tendo em vista a atitude da Venezuela, não há um risco de implosão do Mercosul?

**Presidente:** Eu vou lhe dizer uma coisa: quando o povo francês deixou de aprovar o referendo sobre a constituição europeia, não teve crise, teve uma oposição do povo francês. Acontece que quando há um problema na América Latina as pessoas falam logo em crise. Não há crise, o Mercosul tem 15 anos de existência, participam do Bloco o Uruguai, Paraguai, Argentina e o Brasil. Nós temos problemas como tem a União Europeia e vamos resolvê-los com o tempo. Nós queremos reunir todos os países da América do Sul no Mercosul e nós sabemos que isso não acontece num estalar de dedos. Então, isso vai acontecer com o amadurecimento político dos governantes, com a exigência que os Estados nacionais vão impor aos seus governantes. Nós vamos continuar a ter diferenças entre nós, mas estamos plenamente conscientes de que não há saída individual para nenhum país da América Latina e América do Sul. Se há um país que, por suas dimensões, poderia dizer: “nós vamos seguir sozinhos no mundo”, seria o Brasil. E mesmo assim eu penso que o Brasil também não teria saída... Nós nos reunimos no Mercosul com nossas diferenças e deixamos essas diferenças de lado e vamos seguramente colocar as convergências na mesa. Faremos da América do Sul um continente que se desenvolve, que cria empregos, riquezas e rendas. Do contrário, nós vamos passar todo o século XXI tão pobres quanto fomos no século XX.



**Jornalista:** Eu vou lhe pedir para responder uma questão sobre os mais pobres, aqueles que vivem nas favelas.

**Antoine Esteves, Paris:** Bom dia senhor Presidente. Eu li que o senhor iria anunciar a liberação de um grande valor em dinheiro para ajudar as favelas. Eu gostaria de saber como o senhor vai garantir que esse dinheiro chegue às pessoas que realmente precisam. Muito obrigado.

**Presidente:** Nós estamos fazendo o maior programa da história do Brasil, o programa de urbanização de favelas e de saneamento básico. São 40 bilhões de reais, 20 bilhões de dólares, que estamos investindo. Nós estamos estabelecendo parcerias com os governos dos estados e os governos municipais. Nós vamos assinar o acordo com o estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Ceará. Nós vamos assinar acordos, compromissos de honra entre os governos dos estados, as prefeituras e o governo federal, e há um termo para o início e o término desses projetos, pois eu acredito que se o Estado brasileiro não oferecer os benefícios às comunidades mais pobres, que vivem em favelas no nosso país, o crime organizado vai lhes oferecer. Portanto, eu penso que é preciso urbanizar as favelas, fazer ruas, colocar iluminação pública, postos de saúde. É preciso levar a cidadania ao interior das favelas. É o que nós estamos fazendo e é o que nós queremos concluir até 2010.

**Jornalista:** Mas até lá, há explosões de violência o tempo todo. Temos os Jogos Pan-americanos que serão organizados em breve no Brasil. Não há ameaças em função da violência?

**Presidente:** Não se impressione muito com as notícias, porque eu também me impressiono quando vejo a juventude francesa criar confusões, incendiar



carros. Nós temos problemas de violência como quase todos os países têm, mas estamos trabalhando, na base da parceria com o governo dos estados, para que possamos, primeiro, oferecer oportunidade àqueles que desejam viver fora da violência. E é preciso ser muito duro com aqueles que praticam a violência para contê-los. É preciso cuidar das favelas, mas é preciso também investir em educação e fazer investimentos em saúde, em cultura, para que possamos oferecer à juventude brasileira a esperança de que vale a pena ser honesto, trabalhador e pacífico.

**Jornalista:** E tudo correrá bem nos Jogos Pan-Americanos?

**Presidente:** Nós adotamos o mais importante sistema de segurança já feito no Brasil para os Jogos Pan-Americanos. Nós temos 11 mil jovens que vão participar de uma campanha de cidadania, que vão ajudar os atletas, os jornalistas, e queremos fazer um teste com os Jogos. Nós temos um esquema de segurança bastante sofisticado para os Jogos Pan-Americanos que será uma espécie de laboratório para que possamos, no futuro, estendê-lo para todo o Brasil. Nós vamos testar, durante os Jogos, uma política de segurança mais sofisticada, com mais investimentos nos serviços de inteligência, com helicópteros, com muitas viaturas e uma polícia bem mais preparada. E depois dos Jogos tudo isso será mantido no Rio de Janeiro. Nós já temos conhecimentos suficientes para levar esse tipo de segurança para outros estados do Brasil.

**Jornalista:** Vou lhe colocar uma outra questão, desta vez sobre corrupção e o escândalo que marcou os últimos meses e agora, mais recentemente, o Brasil.

**David Albrecht, Paris:** Presidente Lula, bom dia. Eu li recentemente sobre um escândalo que envolvia um certo número de personalidades políticas em nível



federal, entre elas, o presidente do Senado brasileiro, que é membro de um partido aliado do Partido dos Trabalhadores, seu partido. Eu gostaria de saber o que o senhor pensa desse assunto e, ainda mais, se o senhor acha ser possível acabar com essa impunidade da elite brasileira que já dura há séculos.

**Presidente:** Você já respondeu à questão e eu espero que você me diga qual é o país onde não há corrupção. Agora, eu duvido, não importa o momento da história do Brasil, em que o Estado brasileiro tenha combatido tanto a corrupção como nós estamos combatendo, ou seja, o que foi publicado na imprensa brasileira é resultado da eficácia do governo que não protege as pessoas acusadas de corrupção; da Polícia Federal e dos procuradores que têm total liberdade para denunciar. Mas o julgamento quem faz não é o presidente da República, mas o poder judiciário, e isso é uma garantia do sistema democrático do Brasil e do mundo. Por que se cada um for condenado em função de um jornal, não seria necessário ter a polícia e a Justiça. O que nós esperamos é que todo ser humano seja considerado inocente até que se prove o contrário. Na medida em que há uma denúncia, ela será investigada e, com base nas provas, o poder judiciário vai condenar ou não. Há muita gente presa no Brasil, isso eu posso lhe garantir.

**Jornalista:** De todo modo, não o entristeceu o fato disso ter marcado negativamente seu primeiro mandato e, sobretudo, ter colocado em risco sua reeleição? Como o senhor reagiu?

**Presidente:** Quem não ficaria triste? Eu tenho plena consciência, os brasileiros me conhecem e sabem que a única coisa que herdei da minha mãe, a minha maior conquista, foi poder andar com a cabeça erguida, a obrigação de ser honesto sem considerar isso uma qualidade. É uma obrigação. Todo mundo



tem obrigação de ser honesto. Isso eu herdei da minha mãe e os brasileiros sabem disso, mesmo os adversários mais tenazes sabem. Eles podem acusar qualquer pessoa no Brasil, isso pode chegar até na porta da minha casa, mas eles sabem que não vão me acusar de corrupção porque sabem que eu sou honesto. Agora, quando se trata de investigar, aí meu caro, não existe amigo, não existe adversário, todos nascem para ser honestos e aquele que não são vão pagar o preço disso.

**Jornalista:** Quando foi eleito presidente, o senhor tinha uma idéia que consistia em criar uma taxa sobre a venda de armas para ajudar os países mais pobres ou aqueles em conflitos e guerras. Está idéia continua? O que o senhor vai propor para o Parlamento europeu? Isso é real ou não?

**Presidente:** Lamentavelmente eu não consegui convencer os países que mais produzem armas. Por exemplo, a França é um grande produtor de armas, os Estados Unidos, assim como a Rússia e a China, ou seja, na realidade, os cinco que são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU são os maiores produtores de armas do mundo. Eu fiz essa proposta mas ninguém aderiu. Como o Brasil não vende armas, eu não pude fazer minha parte, mas eu continuo acreditando que a humanidade sairá à frente e nós teremos necessidade de vender menos armas e ter dinheiro para combatê-las.

**Jornalista:** Outro desejo de reforma é aquela das Nações Unidas, o Conselho de Segurança. O senhor não o integra, assim como o Japão e a Alemanha. O Brasil é um país gigante, o senhor busca um lugar no Conselho de Segurança da ONU?

**Presidente:** Nós vamos conseguir esse lugar, é uma questão de tempo. É normal que aqueles que já se encontram no Conselho de Segurança não



desejem a mudança. A França a deseja e apóia o Brasil, a Inglaterra também. Qual é o problema que nós temos? De um lado, a Itália não deseja que a Alemanha entre, de outro lado, a China não quer que o Japão entre, ou seja, o que nós estamos propondo é o seguinte: a ONU precisa de uma reforma profunda por que o mundo, em 2007, não é idêntico ao mundo de 1945. É um mundo diferente, um mundo menos polarizado, um mundo onde não há mais a Guerra Fria. Portanto, é preciso que outros países, que ganharam importância no mundo, sejam representados no Conselho de Segurança da ONU. Nós estamos demandando isso para o Brasil, para o continente africano, para a Alemanha, para a Índia e para outros países.

**Jornalista:** O senhor é um presidente feliz? O senhor está feliz no poder?

**Presidente:** Eu sou feliz porque quando terminar o meu mandato, em 2010, eu serei julgado pelo que tiver realizado. Eu voltarei para minha casa, a 600 metros do sindicato que me lançou na política, e vou poder chegar nas portas das fábricas e chamar meus ex-companheiros, porque eu não perdi essa relação. Eu vou passar para a história do Brasil como o presidente que fez a maior política social, como o presidente que mais construiu universidades públicas no Brasil e, ao mesmo tempo, como o presidente que levou mais benefícios para os pequenos agricultores nas regiões mais pobres do país. Se tudo isso se realizar, eu penso que poderei dormir com a minha consciência tranqüila, com o dever cumprido.

**Jornalista:** Senhor Presidente, eu o agradeço por ter participado do “Talk de Paris” e espero todos os telespectadores na próxima semana para uma nova edição do “Talk de Paris”.